

## **A narrativa do passado nas mãos de um novo sujeito e as contribuições dele para o Protesto em Vitória**

Marcelle Desteffani Marcelino<sup>1</sup>  
Fábio Malini<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

### **Resumo**

O principal objetivo deste artigo é desvendar como a colaboração na Internet permitiu o nascimento de um novo sujeito, que contribuiu para o rompimento da hegemonia da grande mídia na narração dos fatos. Para entender empiricamente como isso acontece, estudamos o Protesto em Vitória, uma manifestação de estudantes na capital do Espírito Santo por redução na tarifa e melhorias no transporte público municipal. Manifestantes e apoiadores da causa foram responsáveis por construir uma narrativa alternativa sobre o protesto, que ganhou amplitude nacional.

**Palavras-chave:** Colaboração; Internet; Jornalismo; Peer-to-Peer; Protesto em Vitória.

### **Abstract**

The article main goal is to uncover how the internet has collaborated to the born of a new subject, which has contributed to the great media narrative of facts rupture. In order to understand how it has happened, in a empiric way, we have studied the students' protest in Vitoria against the municipal public transportation prices. The demonstrators and supporters of this cause were responsive to build up alternative narrative about the protest which ended up being known nationally.

**Key words:** Collaboration, Internet, Journalism, Peer-to-Peer, Protest in Vitoria

### **Introdução**

A Internet propiciou o nascimento de um novo sujeito que vive na lógica da comunicação Peer-to-Peer (P2P<sup>3</sup>) e subverte a distribuição de informação de um para muitos e cria a possibilidade comunicativa de muitos para muitos. A colaboração online permitiu que o telespectador/leitor/consumidor passivo de notícias se transformasse em um produtor, que com a Internet tem chance de também narrar os acontecimentos. Esse novo sujeito se

<sup>1</sup> Estudante de graduação – 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: marcelle.dm@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do DCS - UFES, email: fabiomalini@gmail.com.

<sup>3</sup> O termo P2P se refere a uma arquitetura de sistemas distribuídos caracterizada pela descentralização das funções na rede, onde cada nodo realiza tanto funções de servidor quanto de cliente. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P2P>.

apropria das ferramentas online de publicação com cada vez mais conhecimento e assim contribui com o fim da hegemonia da imprensa tradicional na narração do passado.

É objetivo deste artigo, entender em que cenário esse novo sujeito se desenvolve e quais são as suas contribuições para a construção da História dos fatos. Autores como Shirky (2011), Santaella e Lemos (2010), Antoun (2008), Rheingold (2004), Gillmor (2005) e Lévy (1998) vão nos ajudar nesse percurso. Mas antes, precisamos compreender como a imprensa deteve a hegemonia da narrativa do passado por tantos anos, um fato que se explica com teorias da comunicação social e pelas forças político-econômicas que sempre a financiaram.

Em busca de desvendar a ação do novo sujeito na rede e para entender como a narrativa colaborativa se desenrola, focamos o estudo empírico no Protesto em Vitória (Espírito Santo), uma manifestação iniciada por estudantes contra o alto preço das passagens de ônibus e a precariedade do sistema de transporte público da capital capixaba. A repercussão do fato pelo *Twitter* fez com que a *hashtag* #protestoemvitoria chegasse aos *Trending Topics* mundiais. O acontecimento ganhou visibilidade nacional também sendo divulgado pelas redes de televisão. A análise foi focada na narrativa fotográfica dos acontecimentos dos dois dias mais intensos de protesto (02 e 03 de junho de 2011): de um lado fotos da rede Gazeta, corporação de mídia do Espírito Santo, de outro, dois fotógrafos da multidão, Izaias Buson e Yuri Barichivich, estudantes de jornalismo e participantes das manifestações. Uma visão de quem observa os fatos de fora e outra de quem está dentro do acontecimento. Todas as fotos analisadas foram divulgadas através da Internet.

### **Com quem está o poder da narração dos fatos**

A data exata do surgimento do jornalismo é uma questão controversa entre estudiosos da área. Segundo Alejandro Pizarroso Quintero (1996), há três grandes visões sobre a origem do fenômeno. O jornalismo para alguns existe desde a antiguidade, quando já havia a troca regular de informações. Outros defendem que é uma invenção da modernidade, atrelada à aparição da tipografia e ao nascimento da imprensa na Europa. Alguns ainda dizem que só a partir do século XIX é que o jornalismo ganha corpo, juntamente com os dispositivos técnicos, como as impressoras e o telégrafo.

Apesar de não existir um consenso sobre o nascimento do jornalismo, essa categoria profissional surge para coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais. Sobre a profissão foram surgindo diversas teorias que deram legitimidade a sua existência. Nelson Traquina explica a teoria do espelho, que classifica o jornalista como aquele capaz de transmitir os acontecimentos tais como eles acontecem. David Manning White denominou esse profissional de *gatekeeper*, já que para ele o processo de produção da informação é feito de escolhas e depende de passar por diversos filtros antes da publicação. Mauro Wolf explica ainda outra teoria a qual diz que a produção da notícia precisa ser planejada como uma rotina industrial, devido ao grande número de fatos noticiáveis cotidianamente. O jornalista é classificado, então, como *newsmaking*.

Independente da aplicação prática dessas teorias, que possuem diversas falhas, foram elas umas das responsáveis por dotar o jornalista de credibilidade perante a sociedade. Ancorando-se no discurso da objetividade, cabe a esse profissional construir a história cotidiana na narração dos fatos. Atentos à potencialidade comercial do jornalismo, empresários capitalistas no século XIX formaram as primeiras corporações no ramo. A partir de 1970 as fusões e aquisições das grandes empresas de comunicação formaram as redes corporativas globais de informação, deixando a imprensa ainda mais comprometida com o jogo do poder econômico e político, já que seus donos são, na maioria das vezes, políticos e empresários. Esse poder se configurou em um monopólio na divulgação dos fatos, como cita Malini e Antoun:

No caso da mídia massiva trata-se de um monopólio sobre a atualização das informações; um poder de mobilizar, processar e narrar o passado, tornando-o atual. A massa só pode acessar o passado comum através das atualizações feitas pela grande mídia corporativa. Isto configura um imenso poder sobre os mecanismos de lembrança e esquecimento social das populações. (ANTOUN e MALINI, 2010).

A notícia, um dos produtos do jornalismo, não representa a sua forma total, mas é utilizada quase que como sinônimo dessa prática profissional (SODRÉ, 2009). Através das notícias, o jornalista constrói e mantém toda a mitologia da neutralidade, sustentando os coeficientes de confiabilidade pública nos relatos. Pierre Bourdieu (1997) defende que os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita. Segundo o autor, a concorrência entre os jornais homogeneiza a produção. Se observarmos as capas dos principais jornais do país, as informações são quase as mesmas, o que muda é a ordem e o

grau de relevância a elas atribuído pelo jornal. É como uma espécie de jogo de espelhos, no qual os jornalistas, antes de saber o que vão dizer, precisam saber o que os outros disseram. Bourdieu acredita que essa condição produz um efeito de barreira, de fechamento mental, gerando o que ele chama de circulação circular da informação, ou seja, sempre as mesmas informações são as que circulam no jornalismo diário. De acordo com Autoun (2008), o compromisso das editorias com o *branding* e a lucratividade da rede empresarial corporativa também contribui para uma homogeneidade de temas nos jornais, alinhando a grade de notícias em um efeito de imitação em cascata.

Mas esse monopólio da grande mídia na narração do passado é abalado com o nascimento da Internet, que vai proporcionar o surgimento de um novo sujeito, que tem o poder de disseminar informação tanto quanto a imprensa tradicional. Os usuários entrelaçam narrativas, esmiuçando fatos, ideias, dados, imagens e assim ampliam a capacidade da rede de revelar sentidos que até então se reprimia à lógica *gatekeeper* dos mídias online tradicionais. O que não quer dizer que a grande imprensa não tem seu lugar na narrativa dos acontecimentos. Pelo contrário, ela busca se adaptar a esse novo cenário, por vezes cerceando a liberdade das múltiplas formas divulgação dos acontecimentos, por vezes buscando incorporar informações do cidadão. Em 2008, por exemplo, o grupo Estado lançou uma campanha publicitária afirmando que macaco e blogueiro eram todos iguais. Resultado: a rede enche-se, cada dia mais, de blogs e perfis em redes de relacionamento como *Facebook* e *Twitter*. Por outro lado, alguns grupos midiáticos buscam ouvir mais o leitor, aceitando sugestões de pauta e utilizando em suas matérias conteúdos por eles produzidos, como fotos e vídeos.

O fato é que a notícia que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de irradiar informação, hoje está em todos os lugares virtuais. Ela ganha forma no que Antoun e Malini (2010) denominam de mídias de multidão (*multi-mídias*), ou seja, mídias cujas produções acontecem de modo articulado e cooperativo, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos que ao mesmo tempo são mídias para outros públicos.

A natureza das *multi-mídias* é a de portar uma linguagem desencarnada da mediação da mídia irradiada, desorganizando o modo tradicional da notícia, ao mesmo tempo em que elas organizam uma linguagem cooperativa, dialógica, múltipla e comum. Esta linguagem vai criar uma onda integrada, revelando as perspectivas independentes de opinião. (ANTOUN e MALINI, 2010).

Com a chegada da Internet, a troca de informação que era feita de um para muitos ganhou nova roupagem, a de muitos para muitos, que faz parte da lógica Peer-to-Peer (ponto a ponto), conceito de Michel Bauwens (2005). Os processos P2P ocorrem em redes distribuídas, sem necessariamente centros, porém, isso não significa que não exista uma hierarquia no fluxo de informação. Ela existe como forma flexível, baseada no mérito gerado para fomentar a participação. O produto resultante das trocas P2P não reside num valor de troca destinado ao mercado, mas em um valor de uso dirigido a uma comunidade de utilizadores.

De acordo com Shirky (2011), nossa habilidade de nos conectarmos uns aos outros está transformando o conceito de mídia que passou de um determinado setor da economia para um mecanismo barato e globalmente disponível para o compartilhamento organizado. A lógica da mídia digital permite que “Pessoas Antes Conhecidas Como Espectadoras” (conceito de Jay Rosen) agreguem valor umas às outras todos os dias. As novas tecnologias foram responsáveis por uma revolução do compartilhamento, centrada no choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para nos comunicarmos.

As pessoas têm hoje uma nova liberdade para agir de forma organizada e em público e a partir disso criam mais valor pessoal, valor que recebem por estarem ativas em vez de passivas, por serem criativas e não apenas consumidoras. Cria-se também valor público ou cívico real, como denomina Clay Shirky, que exige trabalho árduo e, além do comprometimento com a satisfação pessoal, requer preocupação com a efetividade coletiva. Apenas dispor dos meios para compartilhar, sem um motivo para isso, não significa muito. Essa atividade precisa oferecer oportunidades que toquem em alguma motivação real. Para o autor, o que importa agora não são as novas capacidades informativas que temos, mas como transformamos essas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, em oportunidades. E elas estão cada vez mais fortes: contribuíram para a derrubada de governo autoritário no Egito, levantaram fortes reivindicações nas ruas da Espanha e embasaram o manifesto de estudantes em Vitória (como veremos abaixo).

Nesse cenário de compartilhamento que permite à nova subjetividade da rede mais autonomia na narração e interpretação dos fatos é fundamental entender quem é esse novo

sujeito, qual o ambiente em que ele se desenvolve, as contribuições que pode oferecer à lógica da rede e as características da narrativa que produz.

### **Nasce um novo sujeito: quem ele é?**

Esse novo sujeito que nasce com a Internet é a inteligência coletiva constituída como uma multidão de singularidades produtivas, que vive na era do capitalismo cognitivo, caracterizado pela capitalização do conhecimento, transformado em capital imaterial. O capital humano (capacidades e formas de saber não formalizáveis que os indivíduos desenvolvem diariamente em suas relações interpessoais) é explorado por esse novo capitalismo em que a capacidade criativa de produção de linguagens e de inovação social é incorporada na produção geral de mercadoria. Segundo Malini, o capitalismo cognitivo é o núcleo do novo espírito do capitalismo, onde se processa o desenvolvimento da ontologia do trabalho imaterial, em que o ser é um produtor de obras desde que contenha uma capacidade de conhecer, de informar e de produzir cultura.

Essa é a principal transformação das forças produtivas no contexto da pós-modernização. E é nessa capacidade de conhecer que tanto se chega à produção, quanto às relações inter-humanas, porque o conhecer é um ato cooperativo. O trabalho imaterial, portanto, é a união de atividades inovadoras que produzem o valor. (MALINI, 2007, p.92).

No fim do século XX o regime de acumulação baseado na indústria foi transformado com a emergência dessas novas formas produtivas. Uma transformação que, segundo Cocco, Silva e Galvão (2003), não poderia ter acontecido sem a integração das novas tecnologias de informação e comunicação aos processos produtivos. Esse processo foi denominado por Cocco como “convergência multimídia” na qual o usuário/consumidor se torna usuário/produtor, colocando em cheque a tradicional separação entre o trabalhador e os meios de produção, entre o mundo do trabalho e o mundo da vida. O “usuário/produtor” de Cocco (2003) é o novo sujeito que habita no universo online. Ele é o responsável pela descentralização do poder de narrar os fatos, que antes estava concentrado somente nas mãos da grande mídia. É aquele que Latour (2006) chama de “ator-rede”, que Rheingold (2004) denomina de “*smart mobs*” (multidões inteligentes), que Gillmor (2005) nomeia de “mídia cidadã” e Pierre Lévy (1998) destaca como “inteligência coletiva”.

Na teoria ator-rede (TAR) de Latour (2006), cabe aos atores fazerem conexões e alianças com novos elementos de uma rede e, com isso, são capazes de redefinir e transformar os componentes dessa rede. Os atores-actantes na TAR correspondem a qualquer espécie de figuras dotadas da habilidade de agir, incluindo pessoas e objetos materiais: inscrições (qualquer coisas escritas), artefatos técnicos, entidades sob estudo, conceitos, organizações, profissões, dinheiro, etc. Já as redes são responsáveis por ligar nós e conectores, ligações que podem se expandir para todos os lados. Todos os atores são ligados por uma rede, que também contém outros sujeitos, ou seja, as interações proporcionadas pela rede transformam os atores que nela estão ligados. “Na TAR, redes não designam algo lá fora que teria grosseiramente a forma de pontos conectados por linhas, algo similar a redes de telefone, rodovias, esgotos. Ela qualifica a habilidade de cada ator de fazer com que outro ator faça coisas inesperadas”. (Latour, 2010, p. 47).

Vivemos na era dos predadores *versus* colaboradores, como defende o autor: os primeiros só estão interessados em usar seus dados para proveito próprio, sem gerar valor em contrapartida, mas os segundos agregam valor ao grupo, que através do reconhecimento impacta positivamente na reputação do usuário. É o que acontece nas Redes Sociais da Internet (RSIs). Nelas, o fluxo de conhecimento é algo vivo e está em constante movimento e a troca de informação é o que a faz existir enquanto plataforma que abriga múltiplas narrativas. A temporalidade *always on* (sempre conectado), faz com que nesse universo predomine a informação instantânea, ou seja, a que se desenrola agora, na medida em que as pessoas perdem o interesse pelo fato que aconteceu dois minutos atrás.

(...) a finalidade das RSIs é prioritariamente a de promover e exacerbar a comunicação, a troca de informação e o compartilhamento de vozes e discursos, o que vem comprovar que, se a meta dos organismos vivos é se preservar (o organismo quer perdurar) e se o desejo humano é ser desejado por outro ser humano, aquilo que o ser humano quer é, sobretudo, se comunicar, não importa quando, como, para quais fins. As RSIs estão demonstrando que o humano quer se comunicar com a finalidade pura e simples de se comunicar, estar junto. (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 50)

Conforme cita Silveira (2007), a convergência digital, a crescente mobilidade e a expansão da conectividade *wireless* estão gerando um novo fenômeno de “epidemias repentinas de cooperação”, que Howard Rheingold (2004) denominou de mobilizações ou multidões inteligentes (*smart mobs*, em inglês, e traduzido para o espanhol como *multitudes inteligentes*). Rheingold explica o fenômeno como uma epidemia colaborativa em que

participantes vão envolvendo não participantes e que, quanto mais cresce, mais inteligente se torna, ou seja, na Internet, a quantidade tende a se transformar em qualidade. Esse autor faz uma análise das comunidades virtuais, que são para ele instrumentos práticos na resolução de problemas, em que a multidão inteligente não busca somente a troca de conhecimento, mas se interessa também pela ampliação de seu capital social – a rede de relacionamentos em torno do tema que ativa a comunidade. Esse capital pode ser expandido quando uma pessoa diz algo que outros membros necessitam saber. Quanto maior a participação, mais visibilidade determinado integrante obtém.

Segundo Dan Gillmor (2005), a mudança fundamental ocasionada pela Internet foi a transformação dos consumidores de notícias em produtores, que a tornou uma “mídia cidadã”<sup>4</sup>. A Web proporcionou às pessoas o acesso a muitos diferentes tipos de mídias e o jornalismo que tinha um papel unidirecional na divulgação dos fatos, transmuta para o multidirecional, já que o cidadão possui novas ferramentas e a partir delas vira um também um construtor de notícias (*newsmaker*). “Todos nós somos repórteres em nossa vida diária, quando se trata de coisas que nos são importantes”<sup>5</sup>. A possibilidade de todas as pessoas produzirem notícias mudou as normas que regem as fontes e os jornalistas. Para Gillmor, o jornalismo se democratizará cada vez mais e se tornará uma conversação, confirmando sua ideia de que a publicação não é apenas o ponto final, mas a parte que deverá ser completada pela colaboração de muitos.

A inteligência coletiva é o que impulsiona esse novo sujeito na Internet, para Pierre Lévy (1998). “É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy, 1998, p. 28). A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas. De acordo com Lévy, o “conhece-te a ti mesmo” muda para o “aprendamos a nos conhecer para pensar juntos”. E ele deixa claro que a inteligência coletiva não funde as inteligências individuais em uma só coisa, mas é resultado de um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades. A relação entre seus membros é capaz de produzir novas formas de democracia, mais bem

---

<sup>4</sup> Em seu livro *Mediactive* (2010), Gillmor utiliza uma nova expressão para denominar o cidadão como construtor de notícias: *mediactive*.

<sup>5</sup> Fala de Dan Gillmor em um debate, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/39744370/O-surgimento-da-midia-cidada>



adaptadas à complexidade dos problemas contemporâneos do que as formas representativas clássicas.

Conforme cita Santaella e Lemos (2010), outros autores também discorrem sobre o surgimento desse novo sujeito da Internet: para Johnson é a inteligência emergente, para Heylughen o cérebro global, para Minsky a sociedade da mente, para Kerckhove a inteligência conectiva, para Barbarasi, as redes inteligentes e para Nyíri o pensamento coletivo. Mas o que esse sujeito anda produzindo na rede? Quais as suas contribuições para a construção de novas formas narrativas dos fatos?

### **A ação do novo sujeito narrativo no Protesto em Vitória**

Novas formas de ação política estão nascendo a partir desse novo sujeito que age na rede, o que pode significar a passagem para um novo tipo de democracia em que o cidadão fiscaliza e intervém mais assiduamente nos rumos da sociedade em que vive. Foi assim no Egito, na Espanha e em Vitória (ES). A capital capixaba foi tomada por protestos no mês de junho, organizados por estudantes por conta do alto preço da passagem de ônibus e da precariedade do sistema de transporte público. Em maio, nos muros da cidade e no *Twitter* (através de *hashtag*) lia-se: “Dia 02/06 a cidade vai parar” ou #02do06VitoriaLiteralmenteVaiParar. Ninguém deu ouvidos e no dia anunciado, bem cedo, estudantes fecharam uma avenida no Centro com barricadas de pneus queimados, em frente à escadaria do Palácio Anchieta, sede do governo estadual.

Até às 13 horas nem sinal do trânsito fluir na capital, foi quando o governo decidiu agir e mobilizou o Batalhão de Missões Especiais (BME) da Polícia Militar que agiu à base de bombas de efeito moral, tiros de bala de borracha e cassetete, dispersando os manifestantes. Depois de 30 minutos, surge no *Twitter* e no *Facebook* uma convocação de mobilização à tarde, em frente à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com um objetivo a mais: protestar contra o uso desmedido da força pelo Estado. E mais uma vez o que se viu foram bombas sendo lançadas até mesmo dentro da universidade, balas atingindo até quem não fazia parte das manifestações e muitas prisões arbitrárias. Enquanto isso, na Internet, chovia fotos, vídeos e testemunhos ao vivo sobre os acontecimentos. A

comunicação passou a ter um “corpo social”, já que saia de cena o exibicionismo típico das redes sociais para a inflação de visibilidade da política que só a rede hoje é capaz de criar.

O protesto seguiu a noite para a Terceira Ponte, que liga os municípios de Vitória e Vila Velha e lá a repressão foi ainda mais intensa, pois a cavalaria da Polícia Militar esperava os manifestantes. Nesse momento, a *hashtag* #protestoemvitoria ocupava o primeiro lugar nos *Trending Topics* Brasil, entrando em poucas horas para o *Trending Topic Worldwide*. Na mesma noite, ativistas do movimento na Internet convocavam a população a se unir aos estudantes no dia seguinte para protestar contra os excessos do BME. No fim da tarde do dia 03 de junho cerca de cinco mil pessoas se reuniram na passeata que saiu da Ufes para a Terceira Ponte. A cidade estava cercada pela força policial, tudo registrado por anônimos que alertavam os manifestantes. Foi quando a relação de força virou: a polícia foi retirada das ruas e a manifestação ocorreu pacificamente, liberando as cancelas do pedágio da ponte para o trânsito fluir livremente. Até o dia 15 de junho, outras manifestações aconteceram em Vitória e somente no dia 20 de junho os estudantes conseguiram se reunir com uma comissão do governo para discutir suas propostas<sup>6</sup>.

Entre as tantas narrativas propagadas pelo *Twitter* agrupadas na *hashtag* do protesto, as publicações no *Facebook*, os vídeos hospedados no *Youtube*, focamos o estudo empírico na história contada por meio da fotografia. De um lado a grande mídia coletando fotos para as páginas do jornal e também o site e as redes sociais da empresa. De outro, o cidadão-repórter captando o momento de dentro do acontecimento e divulgando tudo através da Internet, seu veículo. Buscando entender quais as contribuições geradas pelos relatos fotográficos para a construção da narrativa do protesto em Vitória, a pesquisa empírica consistiu na análise das fotos publicadas online pela Rede Gazeta (o conteúdo do site da rede é praticamente o mesmo do jornal impresso que a corporação possui) e as fotografias de Izaias Buson (disponibilizadas no seu próprio canal no *Flickr*) e Yuri Barichivich (disponíveis em sua *fan page* no *Facebook*), ambos estudantes de jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo.

No portal da rede Gazeta sobre o primeiro dia de protesto, observa-se a colaboração entre grande mídia e população. Para a sessão “Cidadão-Repórter” do site, os usuários podiam enviar fotos do acontecimento para serem publicadas. O fato indica que a imprensa,

---

<sup>6</sup> As propostas do movimento podem ser acessadas em: <http://contraoautores.blogspot.com/p/nossos-pleitos.html>.

longe de poder controlar as milhões de vozes online que como ela podem narrar o passado, busca se inserir na lógica da colaboração, empoderando a própria capacidade de noticiar do cidadão e de certa forma agregando valor ao noticiário pela publicação de “pontos de vista diferenciados”.

Apesar de buscar se inserir na lógica da cooperação, a corporação midiática não pode se desvencilhar dos compromissos editoriais e políticos aos quais está submetida. Por trás dela existe uma hierarquia que não pode ser quebrada e que passa por interesses do governo e a linha editorial do veículo. O que se vê na galeria de fotos de internautas no portal da rede Gazeta, no dia 02 de junho, disponibilizadas no início da tarde, são imagens do começo do protesto, quando a polícia nem tinha começado a agir. Já as imagens do jornalista Eduardo Faccheti, mostram o que acontecia em frente ao Palácio Anchieta: o congestionamento do trânsito, a concentração de estudantes vista pelo alto, a população tendo que andar a pé, a fumaça dos pneus se espalhando no ar e aglomerações de pequenos grupos de estudantes. Os relatos fotográficos, antes da chegada do Batalhão de Missões Especiais ao protesto, evidenciam os transtornos gerados pela manifestação à população. Mais tarde, outras imagens, do fotógrafo da Gazeta Ricardo Medeiros, mostram a chegada do BME ao centro e sua ação repressora aos manifestantes.

Nessa altura dos fatos, chovia na rede comentários sobre a ação violenta na repressão dos estudantes e a população, até então revoltada com as horas de trabalho perdidas em vão no trânsito parado daquele dia, estava sedenta pela comprovação da atitude truculenta da polícia. O compromisso com o leitor é uma das premissas do jornalismo e mais fotos foram disponibilizadas à tarde no portal Gazeta Online. As imagens do repórter fotográfico, Carlos Alberto Silva, retratam a manifestação em frente à universidade: a ação da polícia contra os estudantes, lançando bombas e tiros de borracha. Mostram estudantes apanhando, sendo presos e reunidos em grande quantidade empunhando faixas e megafones.

As manchetes dos principais jornais de Vitória, no dia 03 de junho, indignaram os manifestantes, que foram mostrados como baderneiros<sup>7</sup>. Sendo assim, as imagens se multiplicaram na rede, a cada minuto mais vídeos eram postados e através deles a narrativa da multidão ganhava forma, agrupada, especialmente, na *hashtag* #protestoemvitoria no

---

<sup>7</sup> Manchete principal de A Tribuna, no dia 03 de junho de 2011: “Baderna complica a vida de mais de um milhão”. Ver em: <http://www.tribunaonline.com.br/>

Manchete principal de A Gazeta, no dia 03 de junho de 2011: “Eles querem passe livre... mas não deixam a cidade passar”.

*Twitter*, gerando uma espécie de conflito da verdade, já que agora não só os veículos midiáticos tradicionais detêm o poder de enunciar os fatos. Quando a cobertura alternativa do protesto ganhou mais amplitude, começou a incomodar e toda uma máquina de comunicação foi usada por parte do governo para se “defender”. Foi ao ar na TV local uma campanha<sup>8</sup> dizendo que o Governo do Estado estava realizando um conjunto de investimento inédito na história para modernizar o sistema de transporte e trânsito na Grande Vitória. O governo também lançou rapidamente uma campanha publicitária mostrando as suas realizações.

As fotos dos estudantes Izaias Buson<sup>9</sup> e Yuri Barichivich<sup>10</sup> são as de quem está vivenciando e participando do acontecimento. Como Yuri relatou seu objetivo era “deixar a imparcialidade mítica de lado para retratar (os fatos) com sentimento e profundidade, sem distanciamento”. São imagens digitais de dentro do movimento, acompanhando-o do início ao fim, narrando todos os passos das manifestações em frente à Ufes, mostrando a organização dos estudantes antes de saírem em marcha, os participantes da manifestação em close, as lideranças fazendo pronunciamentos, as diversas formas de protesto, a ação do BME, as consequências das balas de borracha e do gás lacrimogêneo. Através das fotos dos estudantes é possível conhecer passo a passo das manifestações estudantis nos dias 02 e 03 de junho, já que, ao contrário da grande mídia, eles não precisam ater-se a um número limitado de páginas para expor as fotografias e não seguem uma linha editorial fixa. A eles interessa informar à população o que se passa no movimento, até mesmo como forma de resguardo e justificativa de suas ações, como dizia nos cartazes que eles seguravam: “protesto não é baderna”. Yuri Barichivich dedicou um álbum<sup>11</sup> às fotografias de rostos de pessoas que participaram das manifestações. São expressões de angústia, medo, garra, alegria, indignação, apreensão e tantos outros sentimentos que permearam aqueles dias de protesto.

Através da colaboração na rede, foi possível narrar os acontecimentos do Protesto em Vitória e construir a história do movimento, que agora pode ser acessada através das fotos, vídeos, posts em blogs, *hashtag*, notas no *Facebook*, além das publicações da imprensa nos jornais, em sites e nos arquivos de vídeo. A narrativa jornalística ganhou múltiplas vozes e a

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=acLEB1rM5pg>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/buson/sets/>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.facebook.com/media/albums/?id=207687852577543>

<sup>11</sup> Álbum “De quantas faces são feitos os #protestos”. Disponível em: <http://virou.gr/qUeNV0>

“História única<sup>12</sup>” foi mais uma vez subvertida pela lógica do compartilhamento que permite aos novos sujeitos uma narração sempre permeada de histórias paralelas, de idas e vindas, de agregações de sentido, de confrontos de personagens (perfis), que só faz alastrar as ambiências em que o fato é vivido, transformado e tornado público. À diferença da narrativa jornalística, marcada pela autenticação dos fatos, hierarquização de fontes, predomínio do passado, busca de uma enunciação à distância do fato narrado e repetição de versões únicas, a narrativa colaborativa P2P é o relato feito por uma multiplicidade de perfis na internet que portam o tempo da linha do tempo (o agora), assumem o franco falar como regra para se alcançar a verdade, se identificam como sujeitos unidos ao acontecimento.

Abaixo um quadro comparativo entre as duas narrativas fotográficas analisadas, dos dias 02 e 03 de junho no Protesto em Vitória:

<b>A narrativa do protesto em Vitória através da fotografia</b>	
<b>A Gazeta</b>	<b>Izaias Buson e Yuri Barichivich</b>
02 de junho - 8h27 <sup>13</sup> – Fogo na pista, faixas a favor do passe livre, a população andando a pé, congestionamento no trânsito.	Como os estudantes não possuíam mecanismos de publicação de todas as fotos do protesto em tempo real, até mesmo por conta da quantidade de imagens, que gira em torno de 500, somente ao final das manifestações é que eles subiram todos os registros para a Internet.
02 de junho - 14h03 <sup>19</sup> – Fotos da manhã de protesto: Pneus queimados, fumaça alta, poucos estudantes concentrados em frente ao Palácio Anchieta, agentes de trânsito no local, população observando os estudantes, congestionamento no trânsito nas duas vias, pessoas andando a pé.	As imagens iniciais <sup>14</sup> são da organização do protesto no dia 02 de junho, com a confecção de faixas e cartazes. Quando as manifestações começam em frente à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a maioria das imagens mostram rostos de manifestantes bem de perto, as faixas que eles carregam, a tentativa de conversa com o BME, os organizadores falando ao megafone, os detalhes em close como: flores, rostos pintados, frases nas blusas, lenços, expressões faciais.
02 de junho – 14h12 <sup>20</sup> – Galeria de fotos de internautas: Polícia Militar posicionada longe dos manifestantes, pneus queimados na pista.	Em alguns momentos <sup>15</sup> , como na chegada do BME à Ufes, é possível acompanhar passo-a-passo da movimentação, como um <i>stopmotion</i> . Da mesma forma acontece quando eles começam a ação de dispersão dos manifestantes, com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. Depois disso, o que se vê são os manifestantes em posição de rendição, tentando se organizar dentro da universidade para saber qual rumo o protesto tomaria. Nas imagens da noite do dia 02 de junho <sup>16</sup> , se vê os manifestantes em
02 de junho – 18h19 <sup>21</sup> – As mesmas fotos da manhã de protesto.	
02 de junho – 16h52 <sup>22</sup> – Policiais e estudantes em confronto em frente à Ufes, estudantes fecham o trânsito. Imagens do protesto pela manhã: vidro do Palácio Anchieta quebrado, o Batalhão de Missões Especiais (BME) chegando ao Centro de Vitória, policiais atirando, estudantes em posição de rendição.	
02 de junho – 19h17 <sup>23</sup> – Manifestantes reunidos em frente à universidade antes do BME chegar, o momento da chegada dos policiais, a pista sem carros. Repetição de imagens do protesto pela manhã.	

<sup>12</sup> Ver em: [http://www.ted.com/talks/lang/por\\_pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)

<sup>13</sup> Disponível em: <http://virou.gr/pKbs7N>.

<sup>14</sup> Disponíveis em: <http://virou.gr/nAgbQf>.

<sup>15</sup> Disponíveis em: <http://virou.gr/qVqOYM>.

<sup>16</sup> Disponíveis em: <http://virou.gr/pvjvxq>.

03 de junho – 00h20 <sup>24</sup> – Estudantes feridos e repetição de fotos do dia anterior.	grande número se encaminhando à Terceira Ponte e a dispersão frente à ação repressora do BME.
03 de junho – 20h11 <sup>25</sup> – Estudantes sendo presos, BME longe dos estudantes, cavalaria da polícia parada, estudantes protestando.	As imagens do dia 03 de junho <sup>17</sup> mostram as consequências das balas de borracha nos corpos dos manifestantes, além de um protesto mais direcionado às ações violentas do BME, através de cartazes. Grande parte dos manifestantes nesse dia é retratada com lenços no nariz e na boca, usados para se protegerem do gás lacrimogêneo. Algumas imagens também mostram os estudantes revoltados com a imprensa pela cobertura dos acontecimentos, que tratou os manifestantes como baderneiros e inconsequentes. Assim como no dia anterior, predominam as fotos <sup>18</sup> dos rostos dos manifestantes e do que acontece dentro do movimento.
03 de junho – 21h33 <sup>26</sup> – Fotos de internautas de dentro do protesto e repetição de fotos da matéria anterior.	

### Considerações finais

A colaboração dos usuários na rede para a construção de histórias alternativas sobre os acontecimentos cotidianos, ganha força devido ao desejo de comunicar imanente ao ser humano, como bem destacaram Santaella e Lemos (2010). Quando essa narrativa pode contribuir com a afirmação de um posicionamento, de uma ideia, a amplitude é ainda maior. Como aconteceu no Protesto em Vitória. Manifestantes insatisfeitos com a cobertura da mídia tradicional, que precisa se submeter a compromissos editoriais, políticos e econômicos para sobreviver, se empenhou em narrar o acontecimento, mostrando suas lutas e as reprimendas sofridas. Dessa forma, foi possível oferecer à população vários pontos de vista sobre o fato e até mesmo pautar a grande mídia, que frente à grande quantidade de conteúdo sobre as manifestações disponibilizada na Internet, precisou por vezes mudar o ângulo de sua cobertura, tendo em vista o compromisso com o leitor.

A cobertura do protesto evidencia o que Jenkins (2009) chama de Cultura de Convergência, a qual representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de

<sup>17</sup> Disponíveis em: <http://virou.gr/qukemU>.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://virou.gr/oKNCXL>.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://virou.gr/qObbRU>.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://virou.gr/oholYr>.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://virou.gr/qpVda9>.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://virou.gr/q6u6PK>.

<sup>18</sup> Disponíveis em: <http://virou.gr/qAwSS1>.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://virou.gr/iDTWN2>.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://virou.gr/op6O3w>.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://virou.gr/o6PYvB>.

conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção à relação cada vez mais complexa entre mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. Para o autor, os novos meios de comunicação não substituem os antigos, eles interagem cada vez de formas mais complexas, alterando a forma pela qual a indústria midiática opera e o modo como as pessoas processam as notícias. Mas essa mudança está sendo conduzida por interesses econômicos e não por uma missão de delegar poderes ao público. Para os veículos tradicionais “a convergência consolida a fidelidade do consumidor numa época em que a fragmentação do mercado e o aumento da troca de arquivos ameaçam os modos antigos de fazer negócios” (JENKINS, 2009, p.325).

Alguns autores defendem que o surgimento desse novo sujeito que tem tanto poder na narrativa do passado quanto a grande mídia, significa uma crise no jornalismo. Para Chaparro (2009), houve uma modificação no processo jornalístico já que as redações perderam o controle sobre a notícia. O autor afirma que o jornalismo passa por uma “mutação genética”, o que não representa sua total destruição. Conforme cita Malini (2008), a comunicação horizontal gera um efeito colateral que é a crise do profissional da mediação dos meios de comunicação de massa. O fato de todos poderem comunicar e criar faz como que as competências dos jornalistas estejam, ao mesmo tempo, em destaque e difusas nas mãos de muitos. A aceleração da socialização dessas competências acaba por reduzir o valor do trabalho do jornalista e do crítico, por exemplo, mas potencializam a emergência de inúmeros mediadores da cultura (MALINI, 2008, p.86).

Se a imprensa capixaba está entrando em crise por conta da inserção de novos agentes na narração do passado, que ganham cada dia mais força apropriando-se das ferramentas de publicação de conteúdo na Internet e entendendo seu poder na criação de pontos de vista alternativos dos acontecimentos, é ainda cedo para dizer. O fato é que os Protestos em Vitória marcam o fim da hegemonia da grande mídia na narração dos acontecimentos locais.

## **Referências**

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. **Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos**. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucls.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8196>. Acesso em 05 de julho de 2011.

ANTOUN, Henrique. De Uma Teia à Outra: A explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, Henrique (org.) **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 11-28.

MALINI, Fabio. Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo. In: ANTOUN, Henrique (org.) **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 83.

BAUWENS, Michel. **A economia política da produção entre pares**. Disponível em: <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-br-0607/msg00000.html>. Acesso em 10 de julho de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHAPARRO, Manuel. **Jornalismo: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade**. São Paulo, 2009.

COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez; SILVA, Gerardo. **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LATOUR *apud* SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

MALINI, Fábio. **O comunismo das redes: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/12/tese-final.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2011.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). **Historia de la prensa**. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1994.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **O conceito de commons na cibercultura**. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/5397/4914>. Acesso em 08 de julho de 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.



TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.  
WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.